

Hospitais recorrem a apoio psicológico para tratamento de cardíacos

O suicídio da filha que gerou estresse insuportável num cardiopata. A burocracia que envolve a autorização para uma cirurgia cardíaca. O desespero da família em decorrência de um infarto. Problemas além da atribuição do cardiologista são facilmente abordados pelas psicólogas que trabalham nos serviços cardiológicos dos hospitais.

Pioneiras na aplicação desse atendimento no Incor e nos hospitais do Coração e da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, Maria de Fátima Oliveira, Belkiss W. Romano e Silvia Cury Ismael foram fundadoras do Departamento de Psicologia da Socesp.

Esposa do cardiologista Sergio de Almeida Oliveira, Maria de Fátima programava sua formação psicanalítica quando se viu tranquilizando pacientes do marido que não conseguiam trabalhar o fato de que seu coração seria manuseado pelos médicos. “Um paciente disse que não dormia desde que soubera da operação”, lembra.

“Conversei com ele, foi como uma consulta improvisada, e ele, mais tranquilo, disse que queria conversar de novo no dia seguinte”. Casos como esse levaram a psicóloga a abandonar seus planos. Ela acabou estudando em Washington como os americanos agiam, adaptou o conhecimento para a realidade brasileira e nunca mais parou de trabalhar com cardíacos.

O caminho de Belkiss foi diferente. Começou com um protocolo de pesquisa na USP para saber se o tipo de filtro da extra-corpórea influenciava

quadros neuropsicológicos da fala e da memória, mas, como “soldado de folga no quartel”, ajudava uma família a lidar com a morte ou desmistificava a cirurgia, auxiliando um paciente estressado.

Quando a equipe multidisciplinar de Zerbini foi montar o Incor, Belkiss pensou muito, abandonou o projeto prontinho de ir para o Canadá e mergulhou no campo que nunca mais abandonaria. “Os problemas são variados: o paciente ‘sarado’ que precisa lidar com a cicatriz; o deprimido cuja situação emocional é fator de risco; o executivo que precisa reduzir as 12 horas de trabalho; o que não sabe trabalhar a morte da mulher ou do filho.”

Para ela, o desafio foi fantástico, principalmente porque “o Incor começou direito. Eu participava das visitas, ia em busca do paciente, da família que se desagrega com a cardiopatia, identificava o cuidador, aquele que assumirá o papel do infartado afastado temporariamente da família.”

Silvia, do Hospital do Coração, já trabalhava na área hospitalar, quando começou a ser chamada para atender enfartados cujo estresse repercutia na irrigação coronariana. “Cheguei a enfrentar casos que o estresse foi o único fator de risco e bastou para desencadear o infarto”, garante ela.

“E, após o infarto, o paciente tem seqüelas emocionais que precisam ser resolvidas. Ele se vê como finito, passa a encarar a morte, deixa de se sentir onipotente”, e o apoio psicológico pode ser essencial.



Introduzida nova técnica para tratamento da fibrilação atrial

O Instituto Nacional de Cardiologia (INC) está implementando uma nova técnica cirúrgica, ainda inédita no Brasil e na América do Sul, para o tratamento de pacientes com fibrilação atrial sintomática e refratária ao tratamento medicamentoso.

A cirurgia com radiofrequência bipolar vídeoassistida foi introduzida pelo Chefe da Cirurgia do INC, Alexandre Siciliano. “Em oito

meses já realizamos dez cirurgias vídeoassistidas com sucesso. Nossa expectativa é de realizar cerca de quatro por mês”, destaca.

De acordo com o diretor Administrativo da SBC que é diretor clínico do INC, Marco Antonio de Mattos, o procedimento é um avanço tecnológico no Brasil, além de oferecer mais uma opção terapêutica aos pacientes.

Conheça a técnica na página eletrônica do *Jornal SBC*.